



Universidades Lusíada

Estrela, Paulo Jorge, 1969-

Panamá e Messina : duas condecorações estrangeiras concedidas a portugueses

<http://hdl.handle.net/11067/5646>

Metadata

Issue Date 2007

Abstract Artigo de falerística internacional, mais concretamente sobre duas medalhas: uma do Panamá e outra italiana, criadas há 90 e 100 anos, respectivamente, para comemorarem o fim das hostilidades da Grande Guerra e as operações de socorro internacional após o terrível terramoto de Messina. Mais do que dar a conhecer as circunstâncias envolventes e os espécimes medalhísticos em si, procura-se divulgar a sua ligação a Portugal e aos cidadãos e às instituições portuguesas, que foram agraciadas com as m...

International phaleristic article, more precisely about two medals: one from Panama and another Italian, created 90 and 100 years ago, remembering the end of Great War and the help and relief international operations after Messina earthquake, respectively. More than to give notice of both situations and the medals itself, we try to expand the subject to its connection to Portuguese citizens and institutions, which were decorated with it. In complement, we show the referred medals (obverse and r...

Keywords Medalhas panamenhas, Medalhas italianas, Portugueses - Panamá, Portugueses - Itália - Messina

Type article

Peer Reviewed No

Collections [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 04 (2007)

This page was automatically generated in 2025-01-23T15:14:44Z with information provided by the Repository

**PANAMÁ E MESSINA:
DUAS CONDECORAÇÕES ESTRANGEIRAS
CONCEDIDAS A PORTUGUESES**

Paulo Jorge Estrela
Instituto Geográfico Português
pestrela@igeo.pt



Resumo

Artigo de falerística internacional, mais concretamente sobre duas medalhas: uma do Panamá e outra italiana, criadas há 90 e 100 anos, respectivamente, para comemorarem o fim das hostilidades da Grande Guerra e as operações de socorro internacional após o terrível terramoto de Messina. Mais do que dar a conhecer as circunstâncias envolventes e os espécimes medalhísticos em si, procura-se divulgar a sua ligação a Portugal e aos cidadãos e às instituições portuguesas, que foram agraciadas com as mesmas.

Complementa-se o artigo com imagens das medalhas (anverso e reverso) e diplomas de concessão, assim como com outra documentação, como sejam fotografias antigas.

Palavras-chave

Medalha / Condecoração / Panamá / Solidariedade / Itália / Messina / Terramoto

Abstract

International phaleristic article, more precisely about two medals: one from Panama and another Italian, created 90 and 100 years ago, remembering the end of Great War and the help and relief international operations after Messina earthquake, respectively. More than to give notice of both situations and the medals itself, we try to expand the subject to its connection to Portuguese citizens and institutions, which were decorated with it.

In complement, we show the referred medals (obverse and reverse), concessions diplomas, as others kind of documentation like old photos.

Key-Words

Medal / Decoration / Panama / Solidarity / Italy / Messina / Earthquake



Quando uma vez mais foi-me dirigido o convite para escrever um artigo de Falerística para a Revista *História* da Universidade Lusíada, e depois de alguma hesitação na escolha do tema, achei por bem diversificar a abordagem deste ano. Se em anteriores ocasiões fui aproveitando idênticas oportunidades para divulgar algumas “quase desconhecidas” condecorações portuguesas (Estrela 2005, Estrela 2006 e Oliveira 2006), a verdade é que agora irei procurar desvendar duas condecorações estrangeiras. A meu ver, é praticamente impossível querer compartimentar o conhecimento falerístico em fronteiras de nacionalidade. A globalização e a crescente utilização de forças conjuntas multinacionais e de observadores internacionais, que actuam por todo o mundo sob mandato da ONU, OTAN, UE, OSCE, etc., provam que também o reconhecimento público por concessão de condecoração é cada vez mais internacional. É crescente o número de agraciados que ao lado das “normais” medalhas nacionais, ostentam, também, medalhas de reconhecimento dessas próprias organizações internacionais e de nações amigas com quem tiveram oportunidade de trabalhar em conjunto.

Importa informar que hoje, tal como no passado, o cidadão nacional que for agraciado por um Estado estrangeiro ou organização internacional, e quer seja militar ou civil, é obrigado a solicitar autorização para poder aceitar (e em alguns casos para poder usar) a condecoração estrangeira. Só depois da devida autorização, regra geral por despacho ministerial e publicação em órgão oficial, a mesma pode ser aceite e usada.

Claro que sempre houve cidadãos portugueses agraciados com Ordens Honoríficas estrangeiras (e outras condecorações) sendo possível encontrar um bom leque delas em espólios particulares e acervos públicos, ou ainda, variadas referências iconográficas em pinturas, gravuras e fotografias antigas. Mas agora que chegamos ao ano 2008, pareceu-me oportuno dar a conhecer duas escassas medalhas estrangeiras que aparecem em grupos de medalhas de agraciados nacionais e estrangeiros e que, na comunidade falerística internacional são bem conhecidas.

Uma delas, panamiana, porque durante o ano de 2008 irão ser lembrados os 90 anos do fim da chamada Grande Guerra, ou I Guerra Mundial como mais tarde se passou a chamar, e por causa da qual, a mesma foi instituída; a outra, Italiana porque também irá fazer precisamente 100 anos que ocorreu a tragédia natural que levou à sua instituição.

MEDALHA DA SOLIDARIEDADE DO PANAMÁ

A Grande Guerra (1914-1918) não foi assim chamada somente pelos milhões de efectivos militares e de civis vitimados pelo conflito. Pela primeira vez na História da Humanidade, uma guerra entre dois blocos de Estados criou frentes de operações em todos os continentes e claro, em todos os mares – foi verdadeiramente uma guerra à escala planetária!

Se por um lado tínhamos as chamadas Potências Centrais como o Império Alemão¹, o Império Austro-húngaro, o Império Otomano e a Bulgária (sendo que este Estado balcânico só aderiu a esta coligação em Outubro de 1915), do outro tínhamos uma poderosa Aliança, inicialmente conhecida por Potências da *Entente* ou Tríplice Aliança (Reino Unido, França e Rússia) mas, mais tarde, genericamente conhecidos por Aliados, que foi crescendo à medida que os anos de conflito foram passando. Assim, inicialmente as potências Aliadas eram a Sérvia, a Rússia (mas somente até Novembro de 1917 por causa da Revolução Comunista), a França, a Bélgica, o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda (e todo o seu Império: Austrália, Nova Zelândia, Índia, Canadá, Terranova, etc.), o Montenegro, o Japão e a União Sul-Africana. Em 1915, juntaram-se a Itália (Abril) e São Marino (Junho); em 1916, foi a vez de Portugal (Março) e da Roménia; em 1917, a vez dos Estados Unidos da América, Cuba, Bolívia e Panamá (todos em Abril), a Grécia (Maio), o Sião (Julho), a China e a Libéria (ambos em Agosto), o Brasil, o Uruguai, o Peru (Outubro) e o Equador (Dezembro); Em 1918, no último ano da guerra, os Aliados viram-se ainda “reforçados” com a Guatemala (Abril) e com a Costa Rica e a Nicarágua (Maio) e o Haiti e as Honduras (em Julho).

Assim, e como se verifica, em 1916, também o novo Governo Republicano de Portugal decide afrontar directamente a Alemanha, tomando os navios alemães que estavam nos portos portugueses, pelo que esta potência declara guerra a Portugal. No entanto, recorda-se que, embora não oficialmente, já desde 1914, que aconteciam confrontos armados entre as forças militares portuguesas e alemãs, ao longo das suas fronteiras coloniais africanas (Estrela 2005).

Entre esta grande lista de nações Aliadas, de vários continentes, que se comprometeram aberta e explicitamente na luta contra os Impérios Centrais, e que poucos conhecem qual o seu real contributo para o fim do mesmo, destaca-se o Panamá.

Não obstante o seu contributo para a luta armada ter sido quase nulo, a verdade é que para memória futura, e já após o fim da guerra, o Panamá, na pessoa do seu novo Presidente da República, Doutor Belisario Porras, vai

¹ Com 4 Reinos (Prússia, Saxónia, Baviera e Wurtemberg), 5 Gão-Ducados (Hessen-Darmstadt, Baden, Oldenburg, Mecklenburg-Schwerin e Mecklenburg-Strelitz), 6 Ducados (Braunschweig, Anhalt, Sachsen-Weimar, Sachsen-Coburg-Gotha, Sachsen-Meiningen e Altenburg), 6 Principados (Schwarzburg-Rudolstadt, Schwarzburg-Sonderhausen, Waldeck, Reuss, Lippe e Schaumburg-Lippe), 3 Cidades-livres (as cidades hanseáticas de Hamburg, Bremen e Lubeck) e ainda a região da Alsácia-Lorena, conquistada à França após a guerra Franco-Prussiana (1870-71).

decretar a criação de uma medalha comemorativa para ser distribuída entre os mais destacados militares dos Exércitos Aliados. Assim, num gesto simples mas muito eficaz na propaganda pós guerra, o Panamá passa a ser falado por todos aqueles que são escolhidos pelos seus próprios governos para a receber, assim como por todos aqueles que tomam conhecimento da situação. E ainda hoje, entre a comunidade internacional de investigadores e colecionadores de Falerística, o Panamá é referido, pois a presença de uma destas suas medalhas em qualquer grupo de condecorações de um militar, qualquer que seja a sua nacionalidade, é sempre motivo de grande curiosidade e júbilo, sendo sempre uma mais valia.

Mas antes de dar a conhecer a medalha em si, e a sua relação com Portugal, importa lembrar um pouco a História desta jovem nação centro-americana, que é principalmente conhecida pelo estratégico canal, que tem o seu nome, e cuja construção possibilitou a livre navegação de navios de grande porte entre os Oceanos Atlântico e Pacífico.

Na década de 80 do século XIX, a Colômbia (antiga colónia espanhola e agora um importante Estado latino-americano) faz um acordo com a França para a construção de um grande Canal que atravesse o seu território, perto do istmo do Panamá, e que ligue os dois grandes Oceanos. No entanto, esta nação europeia não consegue cumpri-lo, pois ao fim de 5 anos de construção morrem mais de 20.000 trabalhadores devido às terríveis febre-amarela e malária. Este revés, a acrescentar aos desejos independentistas do povo da região do Panamá em relação à Colômbia, e aproveitando a vontade dos EUA de conseguir um novo contrato para concluir esta grande obra, e que tão importante seria para o controlo da região, leva a que, em Novembro de 1903, o Panamá declare a sua independência. Registe-se que, de imediato, as forças norte-americanas (Canhoneira USS *Nashville*) se apresentaram na região, de forma a garantir a segurança da nova nação e dissuadir qualquer tentativa da Colômbia de retomar a sua antiga província...

Depois de uma segunda tentativa francesa para conclusão da obra, novamente infrutífera, os EUA conseguem assegurar o contrato de construção do Canal do Panamá e o seu controlo efectivo durante décadas. O Canal, graças à radical política sanitária de erradicação de mosquitos, ordenada pelo Presidente norte-americano Theodore Roosevelt fica terminado em 1914 e passa a ser uma das mais importantes e estratégicas rotas de navegação do mundo.

É devido a esta grande simbiose com os EUA que em Abril de 1917, um dia depois da declaração de guerra norte-americana aos Impérios Centrais, o Presidente do Panamá, Ramón Valdés, irá fazer uma declaração à nação em que, resumindo, afirma a imperiosa necessidade para o futuro do Panamá, de que os EUA fossem bem sucedidos na guerra, e assim declara que o Panamá ia assistir, de todas as maneiras possíveis, o esforço de guerra dos EUA.

Além de mobilizar para o serviço de vigilância marítima as suas quatro pequenas canhoneiras, em especial por causa dos submarinos alemães, o Panamá deu um apoio efectivo aos EUA ao permitir que a poderosa esquadra

norte-americana passasse a patrulhar as suas águas territoriais, assim como permitindo que Unidades aéreas também tivessem base no seu território, servindo tanto para patrulhamento aeronaval como para treino operacional dos pilotos norte-americanos.

Já após a vitória Aliada, e quando da Conferência de Paz, em Paris, o Governo do Panamá decide então mostrar-se solidário com o esforço de guerra desenvolvido pelos seus Aliados e cria a chamada Cruz-Medalha da Solidariedade. Esta condecoração era somente destinada a ser concedida a membros das forças armadas aliadas e outros protagonistas diplomatas. Por vezes esta condecoração, *Cruz-Medalla de la Solidariedad*, é igualmente referida como Medalha de Guerra da Justiça, por causa da legenda no reverso *À LA FUERZA DEL DERECHO*.

De acordo com algumas fontes estrangeiras (nomeadamente, Purves 1975) terão sido concedidas cerca de 100 exemplares (das suas três classes) a cada nação Aliada, no entanto, pouco se sabe sobre o decreto de criação, os critérios de atribuição, quais as nações contempladas ou, se de alguma forma, foram proporcionais aos efectivos mobilizados. No caso de Portugal, e como veremos mais adiante em detalhe, não chegou a ser concedida a habitualmente referida centena por nação Aliada. O que se sabe, ou melhor, que eu sei, e porque está referida na própria medalha é que terá sido desenhada pelo gravador francês M. Lordonnois, e terá sido executada em Paris, no ano de 1919.

A Cruz-Medalha da Solidariedade é uma medalha circular, com 36mm de diâmetro; no entanto, à sua volta, apresenta os contornos de uma cruz de braços pequenos, ligados por uma coroa de folhas de louro, e por isso mesmo, é chamada de cruz-medalha.

Concedida em 3 classes: 1ª classe, ou classe Especial (em ouro); 2ª classe (em bronze e com uma grande roseta no centro da fita) e 3ª classe (em bronze).

Fita de suspensão: vermelha, de 36mm de largura, com uma faixa central azul (6mm), ladeada de faixas brancas ligeiramente mais estreitas (4mm). As rosetas respeitantes à 2ª classe usam o mesmo padrão de fita e têm cerca de 30mm de diâmetro.

Anverso: a figura alegórica da Pátria, em pé, a gravar numa pedra memorial *PATRIA*. *À LA FUERZA DEL DERECHO*, e apoia na outra mão, o escudo do brasão de armas da República



Medalha da Solidariedade, 3ª classe, do Panamá - Anverso e Reverso. Coleção particular

do Panamá. Em baixo, no exergo, em letras pequenas, o nome do gravador *M. LORDONNOIS*.

Reverso: O brasão de armas, completo, da República do Panamá, e no exergo, em letras pequenas, *PARIS 1919*. Em dois dos braços da cruz, apresenta as datas de envolvimento do Panamá na guerra: *1917 e 1918*.

Graças a um documento existente no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa (Condecorações estrangeiras a Portugueses, 3º Piso, Armário 29, Maço 60, Panamá) é-nos possível entender um pouco mais da situação referente a Portugal. Transcreve-se o referido ofício (com o número 45), não obstante o original estar escrito em castelhano. É dirigido e assinado pelo Presidente da Delegação do Panamá à Conferência de Paz, em Paris (e simultaneamente Ministro Plenipotenciário do Panamá em Madrid) António Burgos e dirigido ao então Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, João Carlos de Melo Barreto.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1919

Senhor Ministro:

O Governo da República do Panamá encarregou-me da grande honra de entregar pessoalmente ao Governo tão dignamente representado por V. Ex^a no Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Cruz-Medalha da Solidariedade, criada exclusivamente para recordar o triunfo do Direito sobre a Força.

No que refere a Portugal, esta Cruz-Medalha foi atribuída da seguinte maneira:

CLASSE ESPECIAL – Cruz-Medalha de ouro, concedida ao Exm^o Senhor Presidente da República;

SEGUNDA CLASSE – Cruz-Medalha de bronze, com roseta: uma concedida ao Exm^o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros; seis, que se oferecem à disposição desse Ministério, e vinte que se repartirão entre os Chefes das Forças Armadas e entre os Coronéis que tomaram parte na passada contenda;

TERCEIRA CLASSE – Cruz-Medalha de bronze, sem roseta: quarenta para os Oficiais a começarem no posto de Major e para aqueles Soldados de saliente heroísmo.

A Cruz-Medalha de ouro, que o meu Governo concede ao Exm^o Senhor Presidente da República Portuguesa, somente foi concedida ao Rei dos Belgas, aos Marechais Foch e Pétain, ao Marechal Haig e ao Rei de Itália e ao seu Generalíssimo Diaz. Criada exclusivamente para comemorar a vitória aliada, o seu cunho será depositado no nosso Museu Nacional, como recordação histórica.

Excelência, é pois esta a razão que me trouxe a esta nobre terra, admirável, excelsa por sua incomparável e gloriosíssima História, sobretudo dos seus Navegadores Vasco da Gama e Magalhães e dos que prepararam o caminho aos seus feitos; gloriosa por seus poetas, entre os quais surge sempre maior a figura do imortal Camões; por fim, gloriosa, por seu fervoroso amor à Democracia.

Se na História ressaltam as mais altas obras e os mais nobres valores de um povo, é Portugal uma das nações que mais os há deixado em 3 continentes, fora a Europa: Em África, sendo a primeira que a contornou; na Ásia, sendo a primeira a criar colónias; na

América, onde levou o seu idioma e cultura a uma grande extensão.

Sinto assim a legítima satisfação em oferecer, por via do Organismo de V. Ex^a, esta medalha comemorativa da Grande Guerra, guerra na qual este povo heróico criou laços comuns de esperança e sacrifício.

E aproveitando esta oportunidade para expressar a V. Ex^a os sinceros e nobres sentimentos de amizade que a República do Panamá consagra à sua irmã a República Portuguesa, à qual faço os meus mais sinceros votos de bem-estar e prosperidade, assim como ao seu digníssimo Presidente, tenho a honra de subscrever-me a V. Ex^a, com a maior consideração.

O Presidente da Delegação do Panamá à Conferência de Paz

Assim, e resumindo, a intenção inicial do Panamá era conceder a Portugal uma medalha da Classe especial, vinte sete da 2^a Classe e quarenta da 3^a Classe. No entanto, e de acordo com a correspondência arquivada no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros (no já referido Maço), diversa informação publicada em Ordens do Exército, Ordens à Armada e Anuários Diplomáticos e Consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e ainda nos processos individuais dos Oficiais do Exército, depositados no Arquivo Histórico Militar, pode-se verificar que, posteriormente, houve um ligeiro ajuste que, salvo alguma informação adicional não consultada, terá deixado as concessões a Portugal com os seguintes números: uma medalha da Classe especial, concedida ao então Presidente da República



Fotografia do general Farinha Beirão, que, entre duas Ordens da Torre e Espada e muitas outras condecorações, ostenta a Medalha da Solidariedade, 2^a classe (com roseta). Coleção particular

Portuguesa, António José de Almeida; vinte oito da 2^a Classe: uma ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, três a diplomatas ligados à Conferência de Paz, duas a elementos da Presidência da República (nomeadamente a um oficial da Armada que era Secretário-Geral da Presidência e a um outro diplomata, Chefe do Protocolo) e ainda a vinte dois Oficiais do Exército); quarenta e cinco de 3^a

Classe: quarenta e um Oficiais do Exército, um Oficial do Exército em serviço na Presidência da República (Adjunto do Chefe de Protocolo) e ainda a outros três ex-militares (dois oficiais e um sargento, todos do Exército) que haviam ingressado nos Quadros do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Tirando a questão de uma pequena alteração na quantidade de condecorações atribuídas, ressalta o facto de nenhuma praça ou sargento, de “saliente heroísmo” ter sido agraciado...



Diploma de concessão da Medalha da Solidariedade, 3ª classe, do Panamá, ao capitão aviador António de Sousa Maia. Colecção particular

Além dos oficiais do Exército (a maior parte dos quais, se não todos, foram propostos pelo Ministério da Guerra de Portugal), somente foram contemplados meia dúzia de diplomatas, um oficial da Armada e um 2º sargento do Exército (veterano da Grande Guerra condecorado, que ingressou na administração pública, no MNE). Salienta-se que muitos destes oficiais do Exército “escolhidos” eram distintos e já condecorados Oficiais, alguns ex-prisioneiros de guerra e uns quantos “heróis” da nova Arma de Aeronáutica Militar.

No entanto, no Arquivo Histórico-Militar (1ª Divisão, 35ª Secção), erroneamente junto do processo relativo a condecorações francesas, existe um ofício do Quartel-General do Corpo Expedicionário Português, em França, e mais concretamente da sua Repartição de Justiça, em que se propõem 60 nomes de militares (15 Oficiais, 12 sargentos e 33 cabos e soldados) para serem agraciados com a medalha da República do Panamá. O ofício é datado de 26 de Junho de 1919 e, infelizmente, não refere qualquer informação adicional sobre que entidade solicitou a relação nominal ou porque é que a mesma não foi aceite.

Finalmente, refira-se que, no já referido Maço de documentação do Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros foi “encontrado” um ofício (n.º 252, da Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra) datado de 12 de Janeiro de 1920, assinado pelo Ministro da Guerra, Hélder Ribeiro, endereçado do Ministro dos Negócios Estrangeiros, em que comunicava “...*aceito o alvitre expresso naquele Ofício [22 de Dezembro de 1919] para que se solicite do Governo do Panamá a concessão especial de outra medalha em ouro para o antigo Ministro da Guerra, General José Mendes Ribeiro Norton de Matos*”. Não obstante não haver qualquer registo de nenhuma outra diligência diplomática nesse sentido, nem tão pouco qualquer averbamento posterior desta medalha, de quaisquer das classes, no processo individual deste prestigiado oficial e estadista (que chegou a ser delegado português à Conferência de Paz), não deixa de ser curioso ter sido considerada tal solicitação. Por importante, se não mesmo imprescindível, a acção pessoal e política do general Norton de Matos para o chamado “milagre de Tancos” e efectivo levantamento do Corpo Expedicionário Português que foi enviado para combater na frente da Flandres (Estrela 2005), a verdade é que no contexto internacional, e atendendo aos poucos protagonistas nesta guerra que receberam a medalha em ouro da Classe especial, não parece “justo” a hipotética deferência do Panamá em conceder duas destas medalhas a portugueses. Recorda-se que, tal como já referido, nem da medalha de 2.ª classe existe qualquer menção a ter sido concedida ao dito general, mas também aqueles anos da 1.ª República Portuguesa foram anos muitos conturbados, em que de um dia para o outro, se passava de bestial a besta, tal como o próprio general Norton de Matos sentiu na pele, quando da vigência de Sidónio Pais à frente dos destinos da nação...

Para memória futura registe-se aqui o facto do governo português ter retribuído a gentileza diplomática, condecorando os cidadãos do Panamá que mais estiveram ligados a este processo. Por Decreto de 11 de Dezembro de 1919, foram agraciados os seguintes cidadãos:

Dr. Belisario Porras,



Fotografia do alferes miliciano de Administração Militar, e Adjunto do Chefe de Protocolo da Presidência da República, Alfredo Baldaque da Cunha e Foyos Ardisson, outro agraciado com Medalha da Solidariedade, 3.ª classe, do Panamá. Colecção particular

- Presidente da República do Panamá
- Ordem Militar de Santiago da Espada – grau de Grã-Cruz
António Burgos, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Panamá e Delegado do Panamá à Conferência de Paz
- Ordem Militar de Cristo – grau de Grã-Cruz
Coronel Arturo D. Budd, Conselheiro militar da Delegação do Panamá à Conferência de Paz
- Ordem Militar de Avis – grau de Comendador
Ernesto Heurtematte, Secretário da Delegação do Panamá à Conferência de Paz
- Ordem Militar de Cristo – grau de Oficial
Raul E. Amador, Secretário da Delegação do Panamá à Conferência de Paz
- Ordem Militar de Cristo – grau de Cavaleiro

MEDALHA DO TERRAMOTO DE MESSINA (ITÁLIA)

O chamado terramoto de Messina, ocorrido em 28 de Dezembro de 1908, foi uma das maiores calamidades naturais que se abateu sobre a Europa durante a primeira metade do século XX. Precedido por ondas gigantescas, vindas do estreito com o mesmo nome e que separa a Itália continental da Sicília, o fenómeno natural provocou quase 100.000 mortos e centenas de milhares de feridos e desalojados.

Se o tempo tende a fazer esquecer as gerações vindouras sobre a real dimensão da tragédia, a verdade é que, à data, a situação foi dramaticamente sentida por toda a comunidade internacional. Todo o sul de Itália, em especial a Calábria e a Sicília, ficou devastado e as autoridades italianas viram-se impotentes para, sozinhas, conseguirem ajudar as inúmeras vítimas de tal tragédia, não obstante o enorme esforço desenvolvido, nomeadamente pela Marinha de Guerra e Exército do Reino de Itália.

Ajudada por uma imprensa escrita em expansão, de uma forma surpreendente foi criada uma enorme onda de solidariedade internacional que reuniu esforços institucionais e particulares, num esforço comum de reconstrução de toda a região afectada.

Em termos da comunidade da falerística, este acontecimento histórico é sobejamente conhecido, pois o Reino de Itália criou duas medalhas relacionadas com esta situação: uma medalha de mérito para premiar o grande esforço desenvolvido por alguns e uma outra comemorativa para assinalar a participação efectiva tanto nas operações de salvamento como nos esforços posteriores de reconstrução.

São vários os livros, artigos publicados assim como *sites* na Internet que referem, até de uma forma detalhada, a participação estrangeira neste esforço, e em especial nos difíceis dias seguintes à própria tragédia. Pela simples posição

geográfica que ocupa no centro do Mar Mediterrâneo e por toda a conjuntura geopolítica que acontecia por toda a Europa (e que antecedeu as Guerras Balcânicas e a Grande Guerra), as águas italianas eram muito visitadas por navios de guerra estrangeiros.

Vários navios de marinhas de guerra, mas também de marinhas mercantes, de várias nacionalidades, foram testemunhas em primeira-mão da tragédia, e muitos mais, que se encontravam próximos, foram sendo enviados de imediato para as operações de socorro.

Tais referências bibliográficas fazem-nos ficar sem grandes dúvidas sobre a importante participação das tripulações de navios de várias nações, e que iremos resumir. Ressalva-se, no entanto, a possibilidade de outras marinhas de guerra terem igualmente ajudado e tal como aconteceu com a participação portuguesa, esta ter sido entretanto esquecida.

Assim, e em termos dos principais navios das marinhas de guerra estrangeiras que apoiaram os primeiros esforços de socorro, a evacuação de feridos, o abastecimento de víveres e com o policiamento das ruas devastadas, temos do Reino Unido: HMS *Duncan*, HMS *Euryalus*, HMS *Exmouth*, HMS *Lancaster*, HMS *Minerva*, HMS *Sutlej*, HMS *Boxer* e HMS *Philomel*; dos Estados Unidos da América.: USS *Culgoa*, USS *Connecticut*, USS *Celtic*, USS *Scorpion*, USS *Yankton* e USS *Illinois*; da Rússia: *Slava*, *Makaroff*, *Guilak*, *Korietz*, *Bogatir* e *Cesarevitch*; da Alemanha: SMS *Hertha* e SMS *Victoria Louise*, da Áustria-Hungria: *Andrassy*; da França: *Justice*, *Verité*, *Fanfare*, *Carquois* e *Dunois*; da Espanha: *Princesa de Astúrias* e da Turquia: *Bezm-i-Alem*.

No entanto, e salvo alguma lacuna na bibliografia consultada, nunca é referida a participação activa de Portugal, nomeadamente através da presença do cruzador *Vasco da Gama*.



Fotografia do cruzador *Vasco da Gama*, quando ancorado num porto francês, anos mais tarde.
Colecção particular

Assim, e de uma forma resumida, o que se pretende com este apontamento é dar a conhecer a participação de Portugal neste esforço internacional de solidariedade, quer nos primeiros salvamentos no terreno (socorro às vítimas nos escombros e assistência na evacuação de feridos e desalojados), quer no subsequente esforço financeiro para a reconstrução; e por ser um artigo de falerística, relacionar esta participação com a concessão das referidas medalhas italianas a cidadãos e instituições portuguesas.

Pelo Diário Náutico (livro 1906-09) do cruzador *Vasco da Gama*, arquivado no Arquivo Histórico da Marinha, sabemos que o navio zarpou do Tejo na noite de 10/11 de Janeiro de 1909, tendo a viagem durado uma semana e sido feita com excelentes condições climatéricas, à velocidade média de 14 nós. Fundeou no dia 15, mesmo em frente das ruínas de Messina, em pleno estreito do mesmo nome, no meio de uma grande esquadra internacional. Desembarcou víveres, roupas e medicamentos e estabeleceu depois, em terra, piquetes permanentes de ataque aos inúmeros incêndios, que ainda ocorriam, pois durante duas semanas ocorreram réplicas dos tremores de terra embora de menor intensidade. Outra forma concreta e curiosa de apoio às vítimas foi o envio de chá para bordo do navio hospital italiano *Savoia*. Terminada a missão, zarpou na noite de 20/21 do mesmo mês em direcção a Port Said. À sua partida, o Couraçado italiano *Regina Elena* (navio almirante da esquadra), agradecido e com toda a cordialidade içou as bandeiras coloridas com o sinal “Boa viagem” ao qual o *Vasco da Gama* agradeceu içando o sinal “Agradecido”.

Além da acção mais concreta de socorro às vítimas e de reabastecimento com víveres e medicamentos, levada a cabo pela Marinha de Guerra Portuguesa, através da tripulação do cruzador *Vasco da Gama* (comandado pelo capitão de mar-e-guerra Augusto José de Almeida), rapidamente deslocado para a área, Portugal ajudou de outras formas a infeliz nação Italiana.

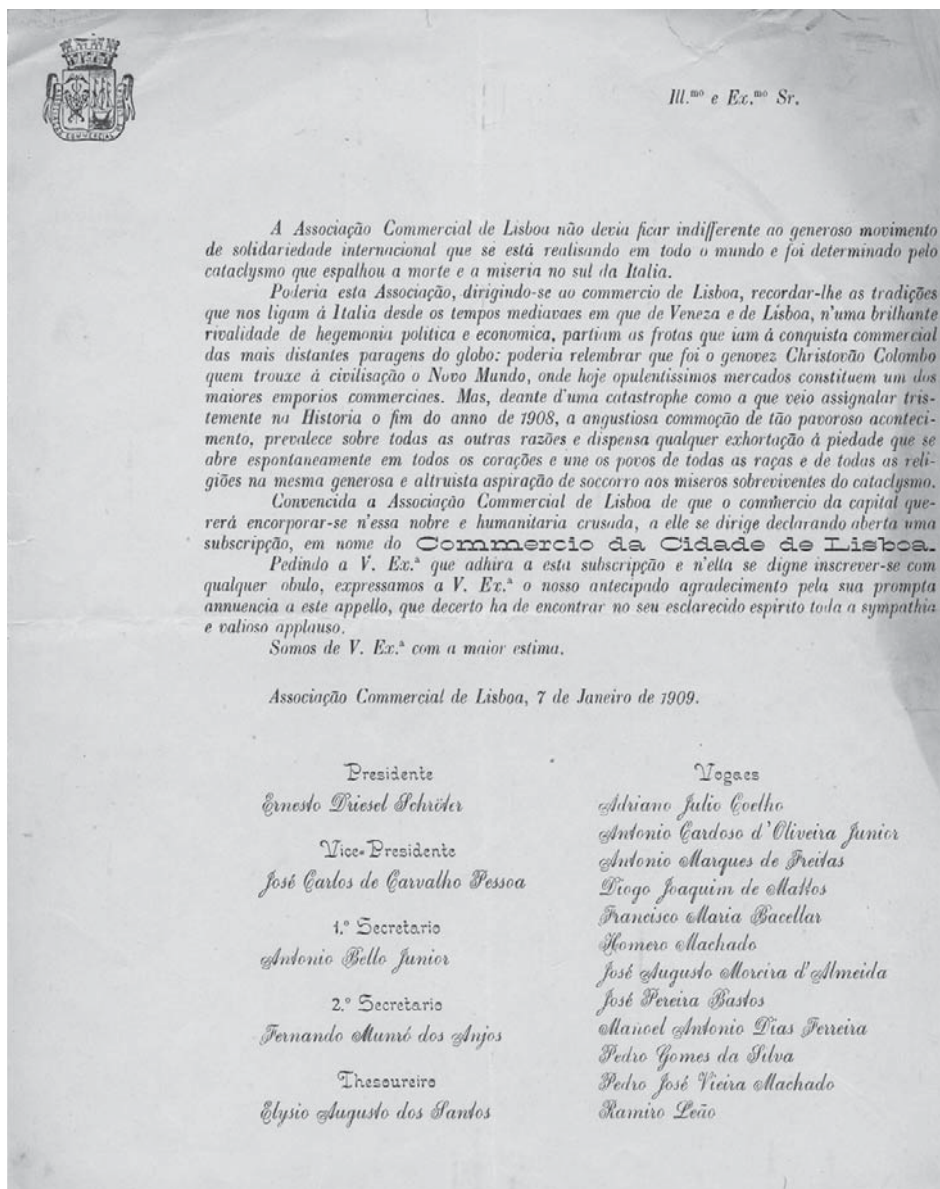
O próprio monarca, D. Manuel II, que ainda nesse ano de 1908 tinha sido aclamado rei, após o trágico e lamentável regicídio de seu pai, D. Carlos I (e do seu irmão, o príncipe real D. Luís Filipe), irá procurar de uma forma muito pessoal ajudar tanto como possível a jovem nação italiana e a respectiva família real, a quem o ligavam fortes laços de sangue.

Assim, além da doação concreta de apoio financeiro, o jovem rei aceita ser presidente da chamada Grande Comissão Central a favor dos sobreviventes do Sul de Itália. Esta Comissão (cujo tesoureiro era o conhecido Dr. António Augusto de Carvalho Monteiro, grande capitalista conhecido pelo *Monteiro dos milhões*), idónea e sob protecção régia, irá procurar concertar esforços e reunir os donativos de toda a nação, que se mostrava muito solidária com os Italianos. E de imediato outras instituições, nomeadamente da agora chamada sociedade civil, fazem desta causa humanitária internacional a “sua”, e promovem-na como podem. É o caso da Associação Industrial de Lisboa, da Associação Comercial de Lisboa, do Grande Comité Nacional de Socorros e da benemérita Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Esta última é já uma grande estrutura de solidariedade e voluntariado,

com experiência acumulada, e ligada institucionalmente às inúmeras congéneres estrangeiras. Também os Bombeiros portugueses de todo o país, e em especial os de Lisboa, fizeram um grande esforço na recolha de donativos e na sua posterior entrega à Grande Comissão Central.

A título de exemplo, e de acordo com a informação recolhida no Arquivo Histórico da Associação Comercial de Lisboa (Caixa 42, referente a 1909 – capa 1187-1190) e no *Relatório da Direcção relativo ao exercício do ano de 1909* (publicado no ano seguinte), esta instituição, sob a presidência de Ernesto Driesel Schröter e tendo como tesoureiro o conselheiro José Carlos de Carvalho Pessoa, vai conseguir reunir, entre os seus associados, uma importante verba², acabando por entregar um cheque do *London & Brazilian Bank Ltd*, no valor de 37.181 Liras e 85 cêntimos. Muitas outras pessoas, colectivas e singulares, contribuíram para este grande esforço nacional, não sendo justo esquecer o papel da imprensa escrita que foi fundamental para toda a dinâmica. De igual forma, e também a título de exemplo, foi notório o esforço desenvolvido por Alfredo Pereira da Rocha, dos Bombeiros Voluntários da Ajuda e comandante da Divisão dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que por iniciativa própria promoveu por toda a capital um bando precatório a favor dos sinistrados.

² A verba recolhida entre alguns dos seus associados da Associação Comercial de Lisboa teve um duplo propósito: o auxílio das vítimas do terramoto do Sul de Itália e o auxílio às vítimas, nacionais, das cheias do Douro, pelo que, no fim da subscrição a verba apurada foi dividida em partes iguais.



Circular de 7 de Janeiro de 1909, da Direcção da Associação Commercial de Lisboa, a sensibilizar e a solicitar a adesão dos associados à sua subscrição pública. Colecção particular

O Governo italiano institui, então, uma recompensa falerística destinada a agraciar militares e civis, indivíduos e instituições, italianas e estrangeiras, pelo seu eminente esforço humanitário nas operações de socorro, de recolha de fundos e no subsequente apoio à reconstrução da região.

Pelo Real Decreto n.º 338, de 6 de Maio de 1909 (alterado pelo n.º 719, de

21 de Outubro do mesmo ano) foi criada a Medalha de Mérito do terramoto de Messina. Medalha de módulo circular, com um diâmetro de 40mm (a “grande medalha” para instituições) ou 35mm (a “pequena medalha” para indivíduos) e, em ambos os casos, concedida em 3 graus: ouro, prata e cobre.

Anverso: a real efígie do rei de Itália, voltada à esquerda, e em legenda circundante: *VITTORIO EMANUELE III*; na base da efígie, no exergo, em letras pequenas, o nome do gravador *L. GIORGI*.

Reverso: uma coroa de folhas de loureiro, e dentro, ao centro e em 4 linhas, a legenda: *TERREMOTO 28 DICEMBRE 1908 IN CALABRIA E IN SICILIA*.

Fita de suspensão: verde, de 36mm de largura, e com orlas brancas de 6mm.

De acordo com estas normas regulamentares, a Itália concedeu

a Portugal algumas das chamadas Medalhas de Mérito, graus Ouro e Prata, quer na versão para entidades quer na para indivíduos:

Grau Ouro:

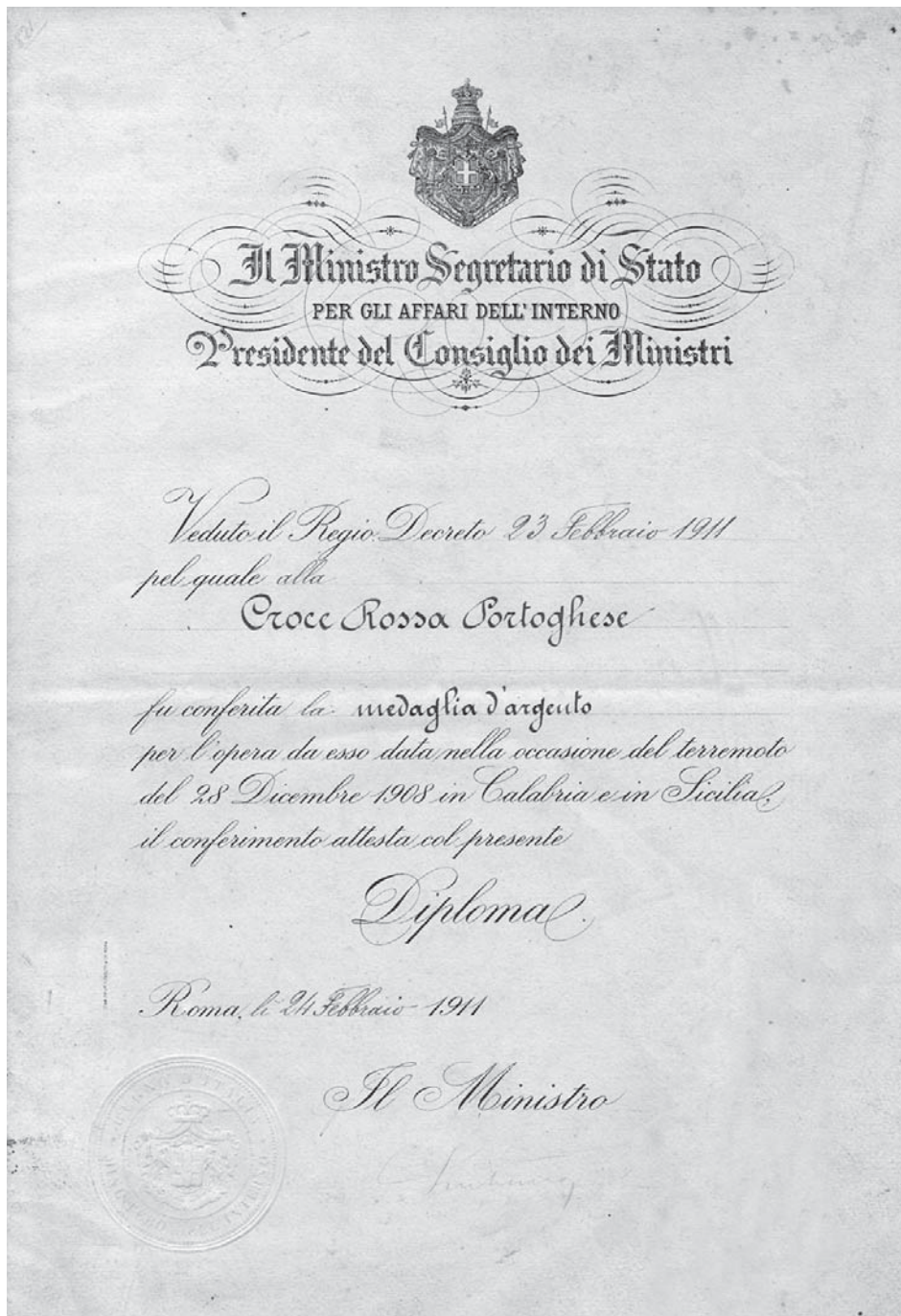
- Sua Majestade, o Rei D. Manuel II
- Marinha de Guerra Portuguesa

Grau Prata:

- Cruzador *Vasco da Gama*
- Associação Industrial de Lisboa
- Corpo de Bombeiros de Lisboa
- Grande Comité Nacional de Socorros
- Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha
- Associação Comercial de Lisboa
- Capitão de Mar-e-Guerra, Augusto José de Almeida



Medalha de Mérito, em prata, do Terramoto de Messina atribuída à Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha - Anverso e Reverso. Serviço Histórico-Cultural da Cruz Vermelha Portuguesa



Diploma de concessão da Medalha de Mérito, em prata, atribuída à Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Serviço Histórico-Cultural da Cruz Vermelha Portuguesa.

Uns meses depois, o governo italiano institui uma outra condecoração destinada a agraciar todos os indivíduos que efectivamente tivessem estado presentes na região a ajudar no socorro e na recuperação, durante o período mais crítico, isto é, entre 28 de Dezembro de 1908 e o último dia do mês de Março de 1909.

Pelo Real Decreto nº 79, de 20 de Fevereiro de 1910 (alterado pelo nº 497, de 7 de Julho do mesmo ano) foi criada a Medalha Comemorativa do terramoto de Messina. Medalha de módulo circular, com um diâmetro de 32mm e em classe única - prata.

Anverso: a real efígie do rei de Itália, voltada à esquerda, e em legenda circundante: *VITTORIO EMANUELE III RE D'ITALIA*; na base da efígie, no exergo, em letras pequenas, o nome do gravador *L. GIORGI*.

Reverso: uma coroa de folhas de loureiro, e dentro, ao centro e em 4 linhas, a legenda: *MEDAGLIA COMMEMORATIVA TERREMOTO CALABRO-SICULO 28 DICEMBRE 1908*.

Fita de suspensão: verde, de 36mm de largura, com orlas e faixa central brancas, de 5mm.

Somente a título de curiosidade foram ainda criadas outras duas medalhas directamente relacionadas com este nefasto desastre, ambas de instituições beneméritas italianas: a Medalha de Mérito da Cruz Vermelha Italiana e a Medalha de Mérito da Soberana Ordem Militar de Malta. Que se saiba nenhuma destas condecorações foi concedida a cidadãos portugueses.

Quanto à medalha comemorativa, que como já vimos foi criada um pouco mais tarde, é um documento existente no Arquivo Histórico de Marinha, em Lisboa, que nos permite uma panorâmica geral das concessões. Por ser interessante até na questão de detalhes dos procedimentos, resolvi transcrever o mesmo. Trata-se do ofício nº 94, de 9 de Julho de 1912, da Repartição do Gabinete da Secretaria de Estado dos Negócios de Marinha, e enviado à Majoria-General da Armada. Em anexo a este ofício, existe uma relação nominal, que também irá ser transcrita, onde constam os 21 nomes da oficialidade do cruzador *Vasco da Gama*.



Medalha Comemorativa do Terramoto de Messina - Anverso e Reverso. Colecção particular

Há ainda referência aos restantes efectivos da guarnição, isto é, 23 sargentos e 217 praças. Embora no documento original não conste tal informação, resolvi colocar antes dos nomes, o posto e classe/especialidade que os mesmos oficiais tinham à data da missão de socorro:

Lisboa, 9 de Julho de 1912

Á Majoria General da Armada

Tendo o Governo Italiano resolvido oferecer uma medalha comemorativa do terremoto Calabro-Siculo de 1908 aos estrangeiros que prestaram serviços humanitários por ocasião dessa terrível catástrofe, enviou à Legação da República em Roma 266 dessas medalhas e 26 diplomas, das quais 261 medalhas e 21 diplomas são destinados à oficialidade e tripulação dessa época do Cruzador “Vasco da Gama” que foi enviado ao lugar do desastre.

Como sucedeu para com todos os outros países, os oficiais inferiores e as praças da Marinha são computadas pelo Governo Italiano numericamente em globo e não nominativamente, motivo porque lhes é atribuída apenas a medalha sem o diploma respectivo.

Tem o Governo Italiano o máximo empenho em que só possuam esta sua lembrança os indivíduos que efectivamente por qualquer forma prestaram o seu concurso humanitário à Itália naquela triste ocasião e por isso pede que sejam restituídas todas as medalhas cujos destinatários não poderem ser encontrados ou tiverem falecido, o que deverá ser feito por intermédio desta repartição.

Junto se envia uma relação dos Oficiais a quem são concedidos diplomas.

O Chefe de Gabinete

(assina Tito Augusto de Moraes)

ANEXO:

(Documento dactilografado, em italiano, numa folha de papel timbrado da Direcção Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros)

PORTUGAL

Cruzador Vasco da Gama

Capitão de Mar-e-Guerra, Augusto José d' Almeida

Capitão-Tenente, Jorge Fradesso de Salazar Moscoso

1º Tenente, Pedro Fragoso do Rio Carvalho

1º Tenente, Joaquim Marques

1º Tenente, Joaquim Candido da Costa Marques

2º Tenente, Eduardo Maria Soares

2º Tenente, Justino Henrique Herz

2º Tenente, Manuel Francisco da Silva

2º Tenente, Jayme Pinto d' Almeida Brandão

Médico Naval de 1ª classe, José Coelho Montalvão

Maquinista subchefe, *Pedro da Silva Jr.*
Maquinista de 2ª classe, *Raphael Jacques Sabino*
Maquinista de 2ª classe, *Alberto Angelo da Costa*
Maquinista Condutor, *Venâncio do Nascimento Correia*
Maquinista Condutor, *Júlio Maria d' Oliveira*
Maquinista Condutor, *Guilherme dos Santos*
Aspirante a Maquinista de 1ª classe, *José Augusto Marques*
Aspirante a Maquinista de 1ª classe, *Ernesto José da Costa*
Maquinista de 3ª classe, *António Joaquim Ferreira*
Comissário de 1ª classe, *Manuel António de Abreu*
Aspirante a Comissário de 2ª classe, *José Alves Rodrigues Dias e Castro*
23 Suboficiais
217 Homens da tripulação

Não obstante ter sido quase imediata a concessão destas medalhas italianas aos cidadãos portugueses, a verdade é que somente uns anos depois, em 1918, é que foi concedida autorização aos militares agraciados para a usar.

O ano de 1910 trouxe o regime republicano a Portugal, e as relações com os restantes Estados europeus monárquicos não eram fáceis, especialmente pela memória do infame regicídio de 1908. A acrescentar a isto, logo em 15 de Outubro de 1910 foi decretada a proibição de todas as formas de representação monárquica e a extinção das antigas ordens militares e de quase todas as medalhas. Não podia o novo regime político ver



Fotografia do 2º tenente Crispim Rodrigues Pereira (sargento à data da catástrofe), com a Medalha Comemorativa ao peito. Arquivo Histórico da Marinha

com bons olhos, nessa fase da vida política nacional, que os seus militares fossem autorizados a usar uma nova medalha cujo anverso apresentava a efigie do Rei de Itália, ainda para mais, familiar da deposta Casa de Bragança.

Assim, somente em fins de 1918, após o fim da Grande Guerra, situação que normalizou as relações de Portugal como muitos países europeus, nomeadamente com a nossa aliada Itália, é que este processo foi recuperado e a Armada solicitou

autorização para os seus militares usarem a medalha. É devido a estes 10 anos decorridos entre a concessão e a autorização de uso (ver anexos) que existe uma significativa diferença entre alguns nomes e postos apresentados em ambas as situações. Alguns dos agraciados acabaram por falecer antes de 1918 (como é o caso do próprio comandante do *Vasco da Gama*), assim como alguns dos militares que à data do socorro eram Sargentos e Praças, em 1918, quando foi dada a autorização de uso, já eram Oficiais.

Refira-se ainda que há a possibilidade de ter havido outros cidadãos portugueses agraciados com esta medalha comemorativa, pois também os tripulantes civis dos vários navios da marinha mercante ao serviço do Reino Unido foram agraciados. O império britânico irá destacar para aquelas águas os navios mercantes *SS Afonwen*, *SS Chesapeake*, *SS Cretic*, *SS Drake*, *SS Ebro*, *SS Mariner*, *SS Ophir* e o *SS Vito*. Tal como acontecerá mais tarde, em especial durante as duas guerras mundiais, muitos portugueses vão embarcar em navios mercantes ao serviço de Inglaterra e de outras nações, e darão um contributo importante no esforço de guerra dessas, e como tal, serão igualmente agraciados com as condecorações criadas para o efeito por esses mesmos Estados.

Uma palavra final de agradecimento a todos os responsáveis e colaboradores do Arquivo Histórico Militar, Arquivo Histórico da Marinha, Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Serviço Histórico-Cultural da Cruz Vermelha Portuguesa e Arquivo da Associação Comercial de Lisboa. Um agradecimento mais personalizado à Dr.^a Isabel Fevereiro (Arquivo do MNE), Dr.^a Isabel Beato (Arquivo Histórico da Marinha), Dr.^a Leonor Brandão de Mello e Sr.^a Luísa Nobre (ambas do SHC da Cruz Vermelha Portuguesa) e ao meu amigo e grande colecionador de militar, João Pedro Teixeira, por toda a colaboração e boa-vontade.

Obrigado, Teresa, pela revisão de textos e tudo o mais...

Bem hajam !



Bibliografia

- Bodding, Jack (1990) – Messina Earthquake, 1908 – American and other non-British recipients of the Italian Commemorative Medal. *Journal of the Orders and Medals Society of America*. Vol. 41, n° 5 Maio, pp 4-16.
- Brambilla, Alessandro (1997) – *Le Medaglie Italiane negli 200 ani – Parte Seconda “1901-1996”*. Milão. Edição de Autor.
- Dorling, H. Taprell (1983) – *Ribbons and Medals – Edited and revised by Alec A. Purves*. Ontario. Fortress Publications Inc.
- Estrela, Paulo Jorge (2005) – Medalha da CVP – prémio por serviços distintos na guerra e na paz. *Lusíada. História*. 2. pp.159-182.
- Estrela, Paulo Jorge (2006) – Medalha da Febre Amarela – Lisboa agradecida à devoção humanitária. *Lusíada. História*. 3. pp.125-147.
- Oliveira, Humberto Nuno de (2005) – World War I Portuguese campaign medal bars. *Journal of the Orders and Medals Society of América*. Vol. 56, n° 4 Jul/Aug, pp 3-10.
- Oliveira, Humberto Nuno de, e Estrela, Paulo Jorge (2006) – A Cruz de Valor e Mérito – Um decreto “apagado” da História da Falerística Portuguesa. *Lusíada. História*. 3. pp.249-258.
- Oliveira, Maurício de (1966) – Os Cruzadores na Marinha Portuguesa – breve esboço histórico. Lisboa. Editora Marítimo Colonial.
- Purves, Alec A. (1989) – *The Medals Decorations & Orders of the Great War 1914-1918*. Suffolk. J. B. Hayward & Son.
- Wilson, J. W. and Perkins, Roger (1985) – *Angels in blue jackets, the Navy at Messina*. Chippenham. Picton Publishing.

Anuário Diplomático e Consular Português (1934)
Listas de Antiquidades de Oficiais do Exército
Listas de Antiquidade de Oficiais da Armada
Diários de Governo
Ordens de Exército
Ordens à Armada

Fontes:

Arquivo Histórico Militar
Arquivo Histórico da Marinha
Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros
Serviço Histórico-Cultural da Cruz Vermelha Portuguesa
Arquivo da Associação Comercial de Lisboa

Recursos Internet:

www.northeastmedals.co.uk

www.worcestershireregiment.com

<http://cronologia.leonardo.it/storia/a1908b.htm>

ANEXOS



Anexo 1: Relação dos cidadãos Portugueses agraciados com a *Cruz-Medalla de la Solidariedad*, do Panamá

1ª Classe ou Classe-Especial:

Presidente da República Portuguesa, António José de Almeida

2ª Classe:

Ministro dos Negócios Estrangeiros, João Carlos de Melo Barreto
Capitão-Tenente da Armada (Secretário Geral da Presidência da República),
Jaime Anahory Athias

Diplomata (Chefe de Protocolo da Presidência da República), Luiz Barreto
da Cruz

Diplomata, Afonso Rodrigues Pereira

Diplomata, José de Lima Santos

Diplomata, José Eduardo Vaz Sarafana

General José Domingues Peres

General Bernardo de Faria e Silva

General Abel Hipólito

Coronel do Corpo de Estado-Maior, Roberto da Cunha Baptista

Coronel do Corpo de Estado-Maior, Luís Augusto Ferreira Martins

Coronel do Corpo de Estado-Maior, Fernando Augusto Freiria

Coronel de Artilharia, Alfredo Ernesto de Sá Cardoso

Coronel de Infantaria, Felisberto Alves Pedrosa

Coronel de Infantaria, António Maria Baptista

Coronel Médico, José Gomes Ribeiro

Coronel Médico, Fernando de Miranda Monterroso

Tenente-Coronel do Corpo de Estado-Maior, Vitorino Henriques Godinho

Tenente-Coronel do Corpo de Estado-Maior, D. José de Serpa Pimentel de
Sousa Coutinho

Tenente-Coronel de Engenharia, Álvaro Azevedo Albuquerque

Tenente-Coronel de Artilharia, Armindo Augusto Girão Guimarães

Tenente-Coronel de Artilharia, Eugênio Augusto de Almada Castro Bilstein
de Meneses

Tenente-Coronel de Infantaria, Augusto Manuel Farinha Beirão

Tenente-Coronel de Infantaria, Artur Marques Sequeira
Tenente-Coronel de Infantaria, Francisco Lacerda e Oliveira
Tenente-Coronel Médico, José Maria Alves Ferreira
Tenente-Coronel do Estado-Maior de Infantaria, Possidónio Augusto Ducla de Sousa Soares
Major de Infantaria, em serviço na Guarda Fiscal, José Honório Teixeira de Sant'Ana
3ª Classe:
Major do Corpo de Estado-Maior, Álvaro Teles Ferreira Passos
Major do Corpo de Estado-Maior, António Gorjão Couceiro de Albuquerque
Major de Artilharia, Abel Joaquim Travassos Valdês
Major de Artilharia Piloto Aviador, Norberto Ferreira Guimarães
Major de Infantaria, Bento Esteves Roma
Major de Infantaria, João Maria Ferreira do Amaral
Major de Infantaria, José Maria Vale de Andrade
Major de Infantaria, António Germano Guedes Ribeiro de Carvalho
Major de Administração Militar, Vitorino Máximo de Carvalho Guimarães
Capitão de Engenharia, Eduardo Corregedor Martins
Capitão de Engenharia, Heitor de Mascarenhas Inglês
Capitão de Engenharia, Jorge Arsénio de Oliveira Moreira
Capitão de Engenharia, José Fernandes de Barros Jr.
Capitão de Artilharia, José Guilherme Costa Coutinho de Vilhena
Capitão de Artilharia, Miguel Pereira Coutinho
Capitão de Artilharia, José Maria Rebêlo Valente de Carvalho
Capitão de Artilharia, Fernando Pimentel da Mota Marques
Capitão de Artilharia, Eduardo Rodrigues Areosa Feio
Capitão de Cavalaria Piloto Aviador, António de Sousa Maia
Capitão de Infantaria, Augusto Casimiro dos Santos
Capitão de Infantaria, Eduardo Eugénio Gomes Vieira
Capitão de Infantaria, José Fernandes Soares
Capitão de Infantaria, José de Albuquerque
Capitão de Infantaria, Eugénio Rodrigues Aresta
Capitão de Infantaria, César Amadeu da Costa Cabral
Capitão Médico, Levi Mário de Carvalho Almeida
Capitão Médico, António Mendonça
Capitão Médico, Álvaro Nobre de Veiga
Capitão Médico, António Luazes Monteiro Leite e Santos
Capitão Veterinário, José Maria de Miranda Pinto Portugal
Capitão de Administração Militar, Manuel da Costa Dias
Capitão de Administração Militar, Alfredo Marques Mendonça
Capitão de Administração Militar, António José Rodrigues
Capitão do Secretariado Militar, Olímpio Manuel Pedro de Melo

Tenente de Engenharia, Manuel António Soares Zilhão
Tenente de Cavalaria Piloto Aviador, Ulisses Augusto Alves
Tenente de Cavalaria Piloto Aviador, Alberto Lelo Portela
Tenente de Administração Militar, Alfredo da Cruz Nordeste
Tenente de Administração Militar, Alípio de Mendonça
Tenente de Administração Militar (em serviço no M.N.E.), Francisco de Paula Brito Jr.
Tenente miliciano de Infantaria, Rogério Correia Ferreira
Alferes de Cavalaria, Jaime Trancoso Leote do Rêgo
Alferes de Administração Militar (em serviço no M.N.E.), Francisco de Assis Maria de Oliveira de Almeida Calheiros e Meneses
Alferes miliciano de Administração Militar (Adjunto do Chefe de Protocolo da Presidência da República), Alfredo Baldaque da Cunha e Foyos Ardisson
2º Sargento de Infantaria (em serviço no M.N.E.), Manuel António Teixeira Soares

Observações: Os averbamentos destas concessões à maioria dos Oficiais do Exército podem ser verificados nas *Ordens do Exército, II Série*, números 1, 3, 6 e 17, todas do ano de 1920; o averbamento da concessão ao Oficial de Marinha, somente foi publicado na *Ordem à Armada, Série B*, nº 14, de 1927.



Anexo 2: Relação dos Oficiais e Aspirantes das diversas classes da Armada que faziam parte da guarnição do Cruzador *Vasco da Gama* quando esteve em Messina, de 20 a 24 de Janeiro de 1909, e que podiam fazer uso da Medalha comemorativa da Obra Filantrópica e de Socorros prestados por estrangeiros à Itália. (*Ordem da Armada* n.º 8, Série B, de 1918)

Capitão de Mar-e-Guerra, Jorge Fradesso Salazar Moscoso
Capitão-de-fragata, Pedro Fragoso do Rio Carvalho
Capitão-de-fragata, Joaquim Marques
Capitão-de-fragata, Joaquim Cândido da Costa Marques
Capitão-de-fragata Engenheiro Maquinista, Rafael Jacques Sabino
Capitão-de-fragata Engenheiro Maquinista, Alberto Ângelo da Costa
Capitão-Tenente, Eduardo Maria Soares
Capitão-Tenente, Jaime Pinto de Almeida Brandão
Capitão-Tenente, Justino Henrique Herz
Capitão-Tenente, Manuel Francisco da Silva
Capitão-Tenente Maquinista Condutor, Reformado, Venâncio do Nascimento Correia
Capitão-Tenente Médico Naval, José Coelho de Montalvão
1º Tenente Engenheiro Maquinista, António Joaquim Ferreira
1º Tenente Engenheiro Maquinista, Ernesto José da Costa
1º Tenente Maquinista Condutor, Guilherme dos Santos
1º Tenente do Secretariado Naval, João de Macedo Martins Pereira
2º Tenente Maquinista Condutor, Reformado, Júlio Maria de Oliveira
2º Tenente da Administração Naval, José Alves Rodrigues Dias e Castro
2º Tenente Auxiliar de Manobra, Reformado, Manuel Cipriano
2º Tenente Maquinista Condutor, Alfredo José Rodrigues
Guarda-Marinha Auxiliar de Manobra, António do Nascimento (II)
Guarda-Marinha Maquinista Condutor, José Moreira Frazão
Guarda-Marinha Maquinista Condutor, Júlio Augusto Gomes de Carvalho
Guarda-Marinha Maquinista Condutor, Guilherme Brandão
Guarda-Marinha do Secretariado Naval, Crispim Rodrigues Pereira
Guarda-Marinha Auxiliar de Saúde Naval, Reformado, Manuel Ferreira Guedes Jr.



Anexo 3: Relação das Praças do extinto Corpo de Marinheiros da Armada, que faziam parte da guarnição do Cruzador *Vasco da Gama* quando esteve em Messina, de 20 a 24 de Janeiro de 1909, e que foram autorizados a fazer uso da medalha comemorativa a que se refere o Decreto de 28 de Dezembro de 1918. (*Ordem da Armada* n° 10, Série B, de 1919)

2° Sargento Artilheiro n° 380, Manuel dos Santos Neves
2° Sargento Artilheiro n° 881, Francisco de Araújo
2° Sargento do Serviço Geral n° 365, Inácio Dias Costa
2° Sargento do Serviço Geral n° 394, José Gregório Fernandes
2° Sargento do Serviço Geral n° 724, João Lopes
2° Conramestre n° 409, Luís Augusto
2° Conramestre n° 448, Paulo da Costa Gajeiro
2° Conramestre n° 475, Leonardo (!)
Cabo Artilheiro n° 939, Arnaldo Augusto
Cabo Marinheiro n° 698, José (!)
Cabo Marinheiro n° 704, Carlos Mendes
Cabo Marinheiro n° 810, João (!)
Cabo Marinheiro n° 1.108, Bento das Dores
Cabo Marinheiro n° 1.173, José dos Ramos
Cabo Marinheiro Timoneiro Sinaleiro n° 668, Francisco da Silva
Cabo Torpedeiro n° 932, António de Figueiredo
Cabo Fogueiro n° 719, José Tavares da Costa
Cabo Fogueiro n° 861, José Serra
Cabo Fogueiro n° 924, Manuel da Silva
Cabo Fogueiro n° 925, Delfim Augusto
Cabo Fogueiro n° 1.093, Domingos Ferreira
1° Artilheiro n° 1.068, Manuel António
1° Artilheiro n° 1.211, José António Conduto
1° Artilheiro n° 1.267, José Lopes
1° Artilheiro n° 1.501, Agostinho José Cardoso
1° Artilheiro n° 1.520, José Maria da Silva Jr.
1° Artilheiro n° 1.674, Luciano Lopes Carregoso
1° Artilheiro n° 1.696, José Duarte

- 1º Artilheiro nº 1.777, Salvador (!)
- 1º Artilheiro nº 1.792, Anselmo José Ferreira
- 1º Artilheiro nº 1.950, João Gomes
- 1º Artilheiro nº 1.954, Luís Cristóvão
- 1º Artilheiro nº 1.996, Justo do Nascimento
- 1º Artilheiro nº 2.005, António Barros
- 1º Artilheiro nº 2.086, Alfredo Júlio da Silva
- 1º Artilheiro nº 2.185, Francisco Tomaz Cerqueira
- 1º Artilheiro nº 2.214, José Pereira de Almeida
- 1º Artilheiro nº 2.402, Joaquim Sant'Ana Cruz
- 1º Artilheiro nº 2.424, José Carlos dos Santos
- 1º Artilheiro nº 2.520, Lucílio da Cruz
- 1º Artilheiro nº 2.529, Ismael Amadeu
- 1º Artilheiro nº 2.530, João Gualberto
- 1º Artilheiro nº 2.533, Alberto Pinto da Rocha
- 1º Artilheiro nº 2.535, Carlos Rodrigues de Matos
- 1º Artilheiro nº 2.544, Rodrigo Lopes
- 1º Artilheiro nº 2.552, Domingos de Almeida
- 1º Artilheiro nº 2.566, João Vicente
- 1º Artilheiro nº 2.569, Joaquim Lourenço
- 1º Artilheiro nº 2.570, Cláudio Henriques Moreira
- 1º Artilheiro nº 2.577, Delfim Guamito
- 1º Artilheiro nº 2.604, Joaquim de Almeida
- 1º Artilheiro nº 2.618, Joaquim Dinis
- 1º Artilheiro nº 2.681, Augusto Madeira
- 1º Artilheiro nº 2.691, Manuel Joaquim Pires
- 1º Artilheiro nº 2.711, Domingos Rodrigues
- 1º Artilheiro nº 2.721, José António Caldeira
- 1º Artilheiro nº 2.731, Teófilo de Deus
- 1º Artilheiro nº 2.732, António do Amaral
- 1º Artilheiro nº 2.735, Caetano António Torres
- 1º Artilheiro nº 2.740, Bento Ferreira
- 1º Artilheiro nº 3.474, José Freitas da Conceição
- 1º Artilheiro nº 3.835, Pedro Viegas
- 1º Artilheiro nº 3.878, Teodósio Barata
- 1º Artilheiro nº 3.908, João Ferreira
- 1º Artilheiro nº 3.928, José da Cruz
- 1º Artilheiro nº 3.973, José João Baptista
- 1º Artilheiro nº 3.986, Manuel Gregório Chora
- 1º Artilheiro nº 4.021, Alfredo Tomás
- 2º Artilheiro nº 2.630, João de Mira
- 2º Artilheiro nº 4.042, António M. de Lima Jr.
- 2º Artilheiro nº 4.043, António Rocha de Oliveira

2º Artilheiro nº 4.053, José António Moreira
2º Artilheiro nº 4.095, José Narciso
2º Artilheiro nº 4.096, Fernando de Sousa
2º Artilheiro nº 4.101, António Madeira
2º Artilheiro nº 4.372, Olderico Rodrigues
2º Artilheiro nº 4.374, Rafael Farinha
2º Torpedeiro nº 2.447, João Mendes de Albuquerque
2º Torpedeiro nº 2.553, Francisco Martins
2º Torpedeiro nº 3.664, António Bento
1º Condutor de Máquinas nº 212, Eugénio José Machado
1º Condutor de Máquinas nº 240, Pedro Luís Baptista
1º Condutor de Máquinas nº 242, Manuel António
2º Condutor de Máquinas nº 497, Francisco Martins
2º Condutor de Máquinas nº 498, Faustino Ferreira dos Santos
2º Condutor de Máquinas nº 504, Henrique Carlos Lima Rosas
2º Condutor de Máquinas nº 516, António dos Santos Soares
2º Condutor de Máquinas nº 520, Zeferino Fernandes Neto
1º Fogueiro nº 1.114, Joaquim Gil Ferreira
1º Fogueiro nº 1.161, José Maria
1º Fogueiro nº 1.180, Luís Alves
1º Fogueiro nº 1.253, João Baptista
1º Fogueiro nº 1.307, Francisco Sant'Ana
1º Fogueiro nº 1.310, João Machado
1º Fogueiro nº 1.462, Francisco António
1º Fogueiro nº 1.658, António Ferreira
1º Fogueiro nº 1.773, José Maria Pinheiro
1º Fogueiro nº 1.982, Eduardo Nunes
2º Fogueiro nº 2.004, Francisco Correia
2º Fogueiro nº 2.019, Francisco Varela
2º Fogueiro nº 2.040, José Doas Sardinha
2º Fogueiro nº 2.052, Manuel Correia Guilherme
2º Fogueiro nº 2.350, Manuel Caetano
2º Fogueiro nº 2.631, Sebastião Duro
2º Fogueiro nº 2.958, Rodolfo Machado
2º Fogueiro nº 2.987, Albino Marques Pereira
2º Fogueiro nº 3.062, José Pereira Machado
2º Fogueiro nº 3.085, António Joaquim Moreira
2º Fogueiro nº 3.245, José Faustino
Chegador nº 2.864, José Pedro Quintas
Chegador nº 2.929, Joaquim de Almeida
Chegador nº 2.975, Cândido Ferreira Machado
Chegador nº 3.348, Manuel Afonso
Chegador nº 3.372, Manuel Esteves Pereira

Chegador n° 3.868, Joaquim Baio
Chegador n° 3.946, Eduardo Lopes Ferreira
Chegador n° 3.951, Carlos Augusto
Chegador n° 4.486, António Fernandes
Chegador n° 4.645, Emídio José Francisco
Chegador n° 4.678, Jacinto José
Chegador n° 4.918, Joaquim dos Santos
Chegador n° 4.940, Manuel António Sebastião
Chegador n° 5.049, Manuel Gonçalves Palheiro
Chegador n° 5.132, Abílio Pinto Soares
Chegador n° 5.148, Tiago António de Almeida
Chegador n° 5.421, Luís Domingos
Chegador n° 5.437, Joaquim da Silva Jr.
Chegador n° 5.459, António Monteiro Louro
Chegador n° 5.460, Francisco dos Santos Cristo
1º Marinheiro Timoneiro Sinaleiro n° 1.539, Artur Moreira
1º Marinheiro Timoneiro Sinaleiro n° ?????, Raul Maia
1º Marinheiro Timoneiro Sinaleiro n° 2.341, Afonso Augusto Ferreira
1º Marinheiro Timoneiro Sinaleiro n° 2.384, Francisco Correia Pinto
1º Marinheiro n° 1.399, Francisco Pacheco
1º Marinheiro n° 1.436, José Teixeira
1º Marinheiro n° 1.489, Artur Lápido
1º Marinheiro n° 1.494, Francisco Henriques
1º Marinheiro n° 1.567, José Lopes
1º Marinheiro n° 1.602, Jaime Afonso de Azevedo
1º Marinheiro n° 1.662, Luís Duarte
1º Marinheiro n° 2.268, José Coelho Soares
1º Marinheiro n° 2.554, Zacarias Mendes Correia
2º Marinheiro n° 2.154, António Augusto Barbosa
2º Marinheiro n° 2.160, João Lopes dos Santos Jr.
2º Marinheiro n° 2.413, António Dias
2º Marinheiro n° 2.431, Sebastião dos Santos
2º Marinheiro n° 3.134, João Alberto Rodrigues
2º Marinheiro n° 3.277, Manuel Valente
2º Marinheiro n° 3.780, Francisco Catita
2º Marinheiro n° 3.686, Albino de Passos José Faria
Grumete Artilheiro n° 5.090, Gelásio Soares Lameira
Grumete Artilheiro n° 5.126, Francisco António Gama
1º Grumete n° 3.150, António José dos Mártires
1º Grumete n° 3.341, Joaquim dos Santos
1º Grumete n° 3.426, Manuel Pereira
1º Grumete n° 3.596, Manuel Alves Jr.
1º Grumete n° 3.649, Joaquim da Silva

- 1º Grumete nº 3.777, João de Almeida Peixe
1º Grumete nº 3.858, Manuel Ramos
1º Grumete nº 3.932, António Joaquim de Sousa
1º Grumete nº 3.993, Raul Taboada
1º Grumete nº 3.997, António Viegas Caixinhas
1º Grumete nº 4.017, António Pereira
1º Grumete nº 4.029, Jorge de Freitas
1º Grumete nº 4.082, Joaquim Filipe
1º Grumete nº 4.141, Carlos Augusto Carvalho
1º Grumete nº 4.391, António Cardoso
1º Grumete nº 4.416, João Hipólito
1º Grumete nº 4.463, Gonçalo do Amaral
1º Grumete nº 4.508, Joaquim dos Santos
1º Grumete nº 4.910, José Rodrigues
1º Grumete nº 5.123, António Braga
1º Grumete nº 5.222, Manuel de Oliveira
1º Grumete nº 5.294, José Maria de Sousa
1º Grumete nº 5.453, José Farinha
2º Grumete nº 4.316, José António Alves
2º Grumete nº 4.552, António Gonçalves Botas
2º Grumete nº 4.553, João António Alberto
2º Grumete nº 4.660, António Máximo da Paixão
2º Grumete nº 4.749, José Joaquim Piteira
2º Grumete nº 4.834, José Joaquim
2º Grumete nº 4.844, João Vaz Grilo
2º Grumete nº 4.871, Eloi Maria
2º Grumete nº 4.879, Manuel Antunes
2º Grumete nº 4.887, José Custódio
2º Grumete nº 4.905, António José Rifado
2º Grumete nº 4.920, João Guilherme
2º Grumete nº 4.991, Francisco Augusto
2º Grumete nº 5.009, Manuel Ferreira
2º Grumete nº 5.031, Manuel Mártires da Costa
2º Grumete nº 5.053, Manuel Pereira Teixeira
2º Grumete nº 5.075, João Domingos
2º Grumete nº 5.093, Carlos da Costa Oliveira
2º Grumete nº 5.099, Adecílio da Rocha
2º Grumete nº 5.127, António Joaquim
2º Grumete nº 5.130, Aníbal Vicente
2º Grumete nº 5.139, Francisco José Olá
2º Grumete nº 5.151, Constantino da Silva
2º Grumete nº 5.155, Albano dos Reis
2º Grumete nº 5.170, José Rodrigues Alfredo

2º Grumete nº 5.193, João Dias Guiteiro
2º Grumete nº 5.283, José dos Santos
2º Grumete nº 5.419, Carlos Joaquim Travassos
2º Grumete nº 5.422, José Alexandre
Carpinteiro de 2ª classe nº 648, João Sant'Ana Machado
Serralheiro de 2ª classe nº 664, Henrique Cerveira Nunes
2º Artífice Torpedeiro Electricista nº 617, Pedro Engrácio
1º Cozinheiro nº 1.858, Joaquim da Silva
1º Cozinheiro nº 1.865, António Agostinho
1º Cozinheiro nº 2.767, Martinho Pereira Tavares
2º Cozinheiro nº 2.760, Manuel Fernandes
2º Cozinheiro nº 4.539, Francisco Lourenço
Padeiro nº 2.789, José Simões Duarte
Dispenseiro nº 1.011, José Ácio Alves Monteiro
Dispenseiro nº 1.033, João Loureiro
Dispenseiro nº 1.035, Domingos António Ventura
Criado de Câmara nº 1.878, Alfredo Malmacedo
Criado de Câmara nº 1.937, Joaquim Esteves de Oliveira
Criado de Câmara nº 1.938, José dos Santos
Criado de Câmara nº 2.792, João Adelino Ferreira
Corneteiro nº 4.193, Joaquim de Jesus
Corneteiro nº 4.218, Carlos do Amor Divino